

# Casas-templo murmuram no Circular Festival

## Crítica de espectáculo

### Quando os Anjos Falam de Amor

★★★★★

*Direcção artística, co-criação e performance: Henrique Furtado Vieira. Co-criação e performance: Catarina Vieira, Leonor Mendes e Sérgio Diogo Matias. Estreia Sexta, 26 de Setembro 2025, 18h30. Circular – Festival de Artes Performativas. Casa particular, Porto*

### Leida

★★★★★

*Direcção e composição: Mariana Dionísio. Estreia Sábado, 27 de Setembro 2025, 21h. Circular – Festival de Artes Performativas. Igreja Matriz de Vila do Conde. Espaço a 50%*

Corpos são casas são caixas-de-resonância são templos para fantasmas e vozes contidas e capturáveis. A frase surge sem vírgulas, sem lógica causa-efeito, aqui tudo acontece em cadência improvisada. Como uma *matrioska* imperfeita, há camadas que ora se destacam ora se ocultam umas das outras, umas nas outras. Não há medida fechada para corpos nem encaixes perfeitos para as suas trajectórias: apenas formas, personalidades e timbres que ora realçam ora harmonizam.

Este é o preâmbulo de dois espectáculos do 21.º Circular Festival de Artes Performativas, dirigido por Dina Magalhães. O festival é um jovem adulto que se mantém aberto à descoberta e experimentação. Este ano, a programação revelou-se particularmente sensível a investigar microrrevoluções nos gestos e lugares mais invisíveis e pessoais.

*Quando os Anjos Falam de Amor*, de Henrique Furtado Vieira em co-criação com Catarina Vieira, Leonor Mendes e Sérgio Diogo Matias é uma *performance*-ritual que acontece no espaço íntimo de cada domicílio particular. Uma turma de quatro anjos urbanos e não alados, de ténis e *t-shirts* coloridas, visita-me. Tocam à campanha e estendem uma toalha onde dispõem objectos lúdicos: uma tómbola, canetas, pétalas, frascos contendo diferentes pós... O jogo aqui é um recurso inteligente, com pitadas de humor para aligeirar o que de um encontro com anjos se pode traduzir de mais profundo. A importância do brincar, que vamos desaprendendo, atravessa a simplicidade dos elementos e as partilhas.

O título corresponde ao último

capítulo do livro *Tudo do Amor*, de bell hooks, que termina precisamente assim: “Quando os anjos nos falam de amor, dizem-nos que apenas através dele entraremos num paraíso terreno. Dizem-nos que o paraíso na terra é o nosso lar, e o amor o nosso verdadeiro destino.”

A invasão gentil e consentida à minha casa abre uma escuta activa, onde memórias e afectos reverberam. Estes anjos não são mensageiros celestes, mas espelhos de cuidado: repetem palavras ditas, auscultam objectos, captam gestos e tensões. A sua visita às residências privadas baralha papéis: o palco é familiar ao espectador-participante e estranho aos intérpretes-anjos. Quando é que eles estão a performer? E até que ponto nós actuamos na banalidade dos dias, dentro das nossas casas?

A casa surge como abrigo construído, cosmos pessoal, ninho, o próprio corpo ou espaço de ressignificação. É também partilha de vida e de mundo, raiz grega da palavra ecologia (*oikos*), mas igualmente de economia. É lugar de família em todas as

suas formas: herdada, reinventada, feita de encontros e separações, nascimentos e lutos. Esse conceito absolutamente basililar que parece estar fora de moda nos contextos culturais, mas que é lar primeiro de comunidade e pertença.

O que falta e sobra, se deu e recebeu, se construiu e perdeu? Equilíbrios feitos nas contas pessoais e comuns do sensível quase sempre injustas, atravessadas por poder, política, amor e espiritualidade.

A *performance* hasteou uma bandeira de poéticas de ordem que juntos desenhamos e aqui ainda subsiste, pendurada no estendal da marquise. Como Xavier Maistre, que viajava “à roda do quarto”, numa clausura que nos faz lembrar a pandemia de 2020. Ou Virginia Woolf, que reclama “um quarto só seu”. Ou Bachelard, que convoca os mistérios da casa-canto do mundo. Estes anjos reclamam uma cápsula-casulo para tectos reais e imaginados, janelas que escondem e revelam, portas-fronteira e portais de abertura. Onde se canta Marco Paulo como se canta Zeca Afonso, sem medo do

ridículo porque criar é ouvir este “maravilhoso coração”.

Digamos que o seu sucesso depende do grau de disponibilidade dos espectadores e do tipo de relação que se estabelece entre eles. Sabemos que os fantasmas, como os anjos, são muitos, rondam os recantos da casa e andam às voltas da cabeça, sobretudo à noite, mas creio que a presença de quatro hóspedes-intérpretes nas nossas casas inibe os mais abertos anfitriões.

**Uma turma de quatro anjos urbanos e não alados, de ténis e t-shirts coloridas, visita-me. Tocam à campanha e estendem uma toalha onde dispõem objectos lúdicos**

O espectáculo lembra também as Coleções de Raquel André, em especial a dos Amantes, nos seus encontros para pensar a intimidade. Aqui os questionamentos são talvez mais subtis, mas ecoam o mesmo desejo e urgência de bell hooks: investir no crescimento espiritual, regressar colectivamente (e politicamente) ao amor.

*Leida* baseia-se nessa mesma lógica de criação: em vez de hierarquização ou sucessão narrativa, ensaia-se a propagação. Aborda da fisicalidade das cordas vocais às cores timbricas emitidas pelo corpo, passando pelas reverberações e frequências que chegam aos ouvidos. A voz humana revela-se tão plástica e efémera quanto o corpo que a produz. Esta emissão sonora, sem palavras ou significações, manifesta a arte na sua forma mais imaterial (para não dizer a mais pura).

Após se ter apresentado no Teatro do Bairro Alto, Leida faz o pré-lançamento do álbum na Matriz de Vila do Conde, gravado no Convento de Santa Clara da mesma cidade. A noite chuvosa de alerta amarelo e a imponência litúrgica da igreja contrastam com o canto delicado, feito de sussurros e murmúrios que evoluíam para melodias improvisadas. Já no convento, a arquitectura de nave única, casa de cânticos-oração das mulheres em clausura, favorece certamente as linhas vocais.

*Ensemble*, dirigido por Mariana Dionísio, reúne oito cantores – para além da própria maestrina, Beatriz Gomes, Beatriz Nunes, Filipa Franco, Nazaré da Silva, João Neves, Hugo Henriques, Henrique Coelho – oriundos do jazz e do canto coral. Juntos criam um corpo que amplia o timbre e a expressividade de um solo. Para a compositora, mais que um coro, o grupo é semelhante a um instrumento que, por ter uma delimitação sonora, se torna reconhecível. A improvisação segue comandos e regras. As múltiplas vozes ambicionam a unidade a partir de uma paleta de opções controlada, jogando com as falhas humanas e contendo o lirismo.

A metáfora da Hidra – monstro marinho com corpo de dragão e múltiplas cabeças de serpente – traduz o desafio: cada cabeça é autónoma, mas adapta-se ao mesmo corpo e ao ecossistema. O resultado é um cosmos sonoro, guiado por Mariana Dionísio, que desenha no ar os códigos para harmonias e silêncios.

Dois criações poderosas e desafiantes que em diferentes casas-templo ensaiaram as possibilidades e os limites da reciprocidade e as suas reverberações.



Um concerto a oito vozes pelo ensemble Leida dirigido por Mariana Dionísio